

RESENHAS

José Eduardo Vissoto Rodrigues¹

Ensino e pesquisa em história: competências digitais e usos tecnológicos



Resenha do livro:

Ensino e pesquisa em história: competências digitais e usos tecnológicos. Organizadores Luiz Gustavo Martins da Silva *et al.* – Rio de Janeiro: e-Publicar, 2023.

1 Introdução: A História na Era da Convergência Digital

O advento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) reconfigurou fundamentalmente os paradigmas de produção, circulação e consumo de conhecimento. No campo das Humanidades, essa transformação deu origem a um ecossistema disciplinar conhecido como Humanidades Digitais (HD), que promove o diálogo entre métodos computacionais e as questões tradicio-

nalmente abordadas pelas ciências humanas. Na historiografia, a "virada digital" ou "História Digital" se manifesta na incorporação de novas fontes de pesquisa, na utilização de ferramentas de análise de dados massivos e na experimentação de novas formas de narrar o passado.

Neste contexto, a coletânea "Ensino e Pesquisa em História: Competências Digitais e Usos Tecnológicos", organizada por Luiz Gustavo Martins da Silva, Geovana Rodrigues dos Santos, Peter Danilo de Castro Ferreira, Luciano dos Santos Abad e George Leonardo Seabra Coelho, emerge como uma contribuição valiosa para o debate em língua portuguesa. A obra, de acesso aberto, apresenta-se como um guia para a "aprendizagem histórica" na era digital, direcionado a um público que vai desde "alunos da graduação" e "jovens pesquisadores" até professores e historiadores consolidados que buscam atualizar suas práticas.

Ao longo dos capítulos, o livro explora a

¹ Licenciatura em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"; Mestrando, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" ROR, Assis, SP, Brasil.
eduardo.vissoto@unesp.br,  <https://orcid.org/0009-0007-8467-4377>

"cultura da convergência" e o "impacto das TDIC" no ensino e na pesquisa, abordando desde o uso de museus virtuais e jogos digitais até o papel da inteligência artificial generativa em sala de aula.

2 Análise da Estrutura e Conteúdo da Obra

O livro está dividido em capítulos que abordam uma ampla gama de temas, refletindo a diversidade de abordagens dentro das Humanidades Digitais. A obra se destaca pela sua organização didática, que permite ao leitor uma navegação fluida pelos diferentes tópicos. Os organizadores, de forma acertada, optam por um formato que mescla discussões teóricas com estudos de caso e roteiros práticos.

O primeiro capítulo, "Etnografia e Criação de Categorias em Ambientes Digitais: Trazendo Contextos e Significados", escrito por Claudia Pires de Castro e Helena Vetorazo, discute as possibilidades de coleta de dados e informações online por meio de metodologias e técnicas qualitativas, como a etnografia digital, para investigar fenômenos sociais contemporâneos. Este tema mostra-se relevante por abordar o desafio de realizar pesquisas em ambientes digitais, que se tornaram espaços de interação social tão reais quanto os analógicos. Ao apresentar a etnografia como uma ferramenta para a criação de categorias, o texto fornece um

arcabouço metodológico sólido para pesquisadores que buscam ir além da simples coleta de dados, aprofundando-se nos contextos e significados por trás das interações em rede.

Embora o texto discuta a análise crítica dos desafios, uma seção dedicada à privacidade, ao consentimento e à representação dos sujeitos pesquisados online elevaria o rigor do argumento.

O segundo, "História Pública e Ensino: Ferramentas Pedagógicas de Divulgação e Publicização", escrito por Gabrielle Gomes Oliveira e Márcia Santos Severino, foca em explorar o campo da História Pública e sua aplicação no ensino básico, discutindo sobre como as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem ser usadas para a divulgação científica. O texto é crucial para repensar o papel do historiador para além do ambiente acadêmico, enfatizando a importância de uma história colaborativa e acessível ao público geral. As autoras visam instigar os professores a refletir sobre a divulgação científica em História e como esta pode se refletir no ensino, abordando o uso de ferramentas como o Canva.

Sobre o uso do Canva, o mesmo é de fato uma ferramenta extremamente utilizada tanto por estudantes como por acadêmicos, aliás faço uso quase que diário do Canva. Todavia, visando o Ensino de História eu sugeriria para outros docentes a ferramenta Gamma, uma IA gratuita que faz slides automaticamente apenas com comandos cur-

tos. Comparada ao Canva, o Gamma oferece uma praticidade muito maior tanto pela agilidade na produção dos slides. Outro ponto que justifica a minha sugestão é que o Canva, embora seja uma ferramenta extremamente simplificada quando comparada às concorrentes, ainda exige um certo grau de conhecimento técnico-prático para seu manejo, já o Gamma apenas pede uma descrição da sua aula para montar o slide.

O terceiro capítulo, “Usos e Apropriações das Mídias e Tecnologias Digitais: Novos Espaços de Ensino-Aprendizagem”, escrito por Geovanna Rodrigues dos Santos, Gabriely Guilherme Bezerra, Ayrana Gomes Ferreira, Larissa de Oliveira Nogueira, Sara Soares Ribeiro Nunes de Carvalho, Ana Carolina Carvalho Muller e George Leonardo Seabra Coelho, aborda a cultura digital e suas implicações para os processos educativos, com um foco particular no curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Os autores argumentam que as TDIC promovem novas necessidades e reformulam as relações sociais, tornando imperativo repensar as práticas pedagógicas. A abordagem se inspira nas proposições de Henry Jenkins e defende a urgência de capacitar educadores na cultura digital para o desenvolvimento de metodologias ativas.

Este capítulo tomou um posicionamento extremamente positivo, o tema do letramento digital ainda é algo muito recente e necessário no

âmbito nacional, especialmente para com a classe dos educadores. Isso porque o letramento digital implica a capacidade de navegar de forma crítica, discernir informações confiáveis de fake news, entender o funcionamento dos algoritmos, proteger dados pessoais e, fundamentalmente, usar as tecnologias para produzir e disseminar conhecimento de forma ética. Como o elemento central no combate à falta de letramento digital é a escola, a urgência de capacitar os educadores se torna incontornável.

O quarto capítulo é “Autenticidade de Arquivos Digitais em Pesquisas Históricas: O Caso em História da Educação Matemática”, escrito por Jonathan Machado Domingues e Diogo Machado Domingues, aborda a questão da autenticidade de arquivos digitais para a pesquisa histórica. Por meio de um estudo de caso em História da Educação Matemática, os autores analisam a utilização de arquivos digitais no Repositório de Conteúdo Digital (RCD) da UFSC. A questão central do trabalho é: como pode haver autenticação de arquivo digital na pesquisa histórica? A contribuição é valiosa, pois levanta um problema central para a historiografia contemporânea, que lida com a volatilidade e a maleabilidade das fontes digitais.

Como possíveis caminhos para a resolução desta problemática, o texto sugere que “não deve ser ele indevidamente alterado desde sua gênese, não sendo consideradas, para efeito de autentici-

dade, as informações contidas nele” (p.76). Outro ponto importante ainda nas considerações finais deste capítulo é que o autor denota sobre a importância de “indicar o link dos arquivos digitais na referência ou até mesmo o inserirem uma nota de rodapé onde se encontra presente a fonte primária em análise e/ou utilização, com a finalidade de facilitar a compreensão e deixar o leitor ciente da transmissão, da proteção e da preservação” (p. 77).

O quinto capítulo é “@Clio: História Digital e História Pública entre Teorias e Práticas”, escrito por Luana Borges Lemes e Raisa Sagredo, mergulha nos conceitos de História Digital e História Pública, com um olhar crítico para a produção de conteúdo em mídias digitais e as disputas de narrativas. As autoras trabalham com conceitos essenciais como “negacionismo” e “usos do passado na Era Digital”, oferecendo um aporte técnico para a produção de conteúdo histórico nas mídias digitais. O texto conecta a teoria à prática de forma excepcional, abordando a necessidade de os historiadores se posicionarem ativamente no ciberespaço para combater a desinformação. Neste sentido, pode-se realizar um debate sobre a possibilidade e talvez até mesmo necessidade sobre a importância de um historiador na curadoria das informações do meio digital.

No sexto capítulo, “Capítulo 6: Paleografia, Historicidade e Tecnologias Digitais”, escrito por

Luiz Gustavo Martins da Silva e Luciano dos Santos Abade, os autores buscam discutir a historicidade da paleografia, articulando-a com as Humanidades Digitais. O texto é dividido em três partes: a paleografia e suas interfaces com as HD; a paleografia digital, suas fontes e softwares; e a metodologia da transcrição digital, com destaque para o uso do software Transkribus. Este capítulo é um guia prático para a pesquisa com documentos antigos, mostrando como as novas tecnologias podem facilitar e agilizar o trabalho do historiador sem comprometer o rigor metodológico.

Todavia é necessário aqui realizar um debate sobre a forma como o documento é digitalizado (resolução, iluminação, etc.) e o modo como o algoritmo o processa moldam a fonte. O historiador precisa estar ciente de que a cópia digital não é o original e que as nuances do documento físico, logo, características fundamentais do documento podem ser irrecuperáveis.

O sétimo, “Capítulo 7: Explorando os Potenciais e Enfrentando os Desafios para o Uso do ChatGPT em Sala de Aula: Desafios Históricos e Pedagógicos”, escrito por Pedro Eduardo Andrade Carvalho, é um dos capítulos mais atuais da coletânea, abordando o uso do ChatGPT no ensino de história. O autor busca avaliar os benefícios e malefícios dessa ferramenta de IA do ponto de vista histórico e pedagógico. A relevância do texto reside em sua capacidade de dialogar com uma tecno-

logia que tem transformado o ambiente escolar, e propor uma reflexão sobre como os modelos de linguagem baseados em IA podem ser incorporados de forma crítica e construtiva.

O capítulo é um ponto de partida crucial para a discussão sobre IA na educação. No entanto, a análise poderia ser aprofundada ao explorar as implicações éticas e epistemológicas do uso do ChatGPT para a construção do conhecimento histórico. Uma discussão sobre a questão da autoria, a originalidade dos trabalhos e a necessidade de desenvolver um letramento informacional e tecnológico mais robusto nos estudantes e professores seria um ponto de aprimoramento. Tendo em vista que a falta de letramento presente nas escolas faz com que a grande parte dos alunos não consiga produzir nem compreender o conhecimento gerado pelo ChatGPT, criando uma dependência completa da ferramenta, onde a IA torna-se autora e não instrumento auxiliador, como deveria ser.

O capítulo oitavo, “Contágio narrativo: Representação midiática de África no YouTube”, escrito por Valnides Araujo Costa, debate sobre a História Pública e a forma como o continente africano é historicamente representado e percebido. O autor se debruça sobre a narrativa midiática no YouTube, analisando como a polaridade das notícias molda a imagem de África. A contribuição reside na premissa de que o público tende a se engajar mais com notícias de polaridade negativa, o

que reforça concepções pejorativas sobre o continente. Logo, mídias sobre miséria e violência em África possuem maior alcance do que mídias sobre inovações, descobertas tecnológicas e contribuições culturais dos povos africanos.

Esse debate é extremamente atual e necessário, pois dialoga diretamente com o imaginário social, cultural e global acerca de África, portanto, para com a historiografia contemporânea.

Um grande adicional a este capítulo teria sido uma discussão sobre como o Youtube, em condição de Big Tech, lucra com imagens e cenas de violência e fome em África, com suas lógicas de engajamento e monetização, atuando como vetores de polarização, para além da recepção passiva do público.

Por fim, o nono capítulo, “A consciência social e as rupturas do gênero quadrinístico: o caso de Giby”, escrito por Peter Danilo de Castro Ferreira, é uma contribuição significativa para o campo da História Cultural, ao utilizar o gênero quadrinístico como fonte para a compreensão da consciência social. O autor analisa a construção imagética do personagem negro Giby, em um período que vai do final do século XIX até 1950, para demonstrar como a imagem do negro foi inserida no cotidiano da sociedade brasileira por meio das narrativas de banda desenhada. O texto é particularmente importante para o estudo de representações raciais na cultura de massas, explorando as ruptu-

ras e continuidades da consciência social em um suporte midiático.

Como adicional seria interessante que o texto tivesse questionado em que medida a representação imagética de Giby reflete a consciência social da época ou se, por vezes, a reproduz de forma acrítica. Desse modo, explorando a tensão entre a representação e a realidade social seria um complemento de grande relevância.

3 Pontos Fortes: Contribuições e Relevância da Coletânea

A principal virtude do livro reside em sua capacidade de preencher uma lacuna no cenário acadêmico brasileiro, oferecendo um material de referência acessível e em português para a área de História Digital. A obra serve como um importante ponto de partida para pesquisadores e estudantes que se iniciam no campo, fornecendo um panorama geral das possibilidades metodológicas e temáticas. A abordagem multidisciplinar, que transita entre a História, a Educação, a Ciência da Informação e a Tecnologia, é um de seus maiores trunfos.

O livro é especialmente relevante para a formação de novos historiadores, pois os expõe a um conjunto de "competências digitais" que são cada vez mais exigidas no mercado de trabalho e na produção acadêmica. Ao tratar de temas como

a "análise de conteúdo qualitativa" de Mayring e a "criação indutiva de categorias", a obra não se limita a apresentar ferramentas, mas também oferece um arcabouço metodológico para a sua aplicação. A coletânea também acerta ao abordar a dimensão pedagógica da História Digital, demonstrando como as ferramentas tecnológicas podem ser utilizadas para promover um "ensino de História" mais dinâmico e engajador.

A natureza de "acesso aberto" do livro é um ponto crucial a ser destacado. Em um país com desigualdades de acesso à pesquisa, a gratuidade da obra democratiza o conhecimento sobre um campo emergente e de grande relevância, permitindo que mais pesquisadores e estudantes possam se familiarizar com as Humanidades Digitais.

4 Crítica e Pontos para Aprimoramento

A obra, embora discuta o uso de ferramentas digitais, poderia se aprofundar nas implicações epistemológicas dessas tecnologias para a prática historiográfica. A "virada digital" não se resume à adoção de novos instrumentos, mas questiona a própria natureza do documento histórico, a construção da prova e a autoridade da narrativa. Como a digitalização altera a relação do historiador com a fonte? Como a "inteligência artificial" e a "análise de dados massivos" podem influenciar a forma co-

mo o passado é interpretado? A coletânea aborda essas questões, mas um aprofundamento teórico nesse nível elevaria seu impacto acadêmico.

Em segundo lugar, o livro poderia expandir o diálogo com a produção acadêmica internacional. Embora a obra seja uma importante contribuição para o contexto brasileiro, uma discussão mais explícita com autores de referência nas Humanidades Digitais como Roger Chartier, Lev Manovich ou Lisa Gitelman, que são autores que poderiam enriquecer as análises e demonstrar a sintonia do livro com as discussões de ponta na área.

Por fim, a resenha pode sugerir uma discussão mais detalhada sobre as questões éticas e políticas inerentes ao uso de tecnologias digitais. A apropriação de dados, a questão da autoria em ambientes colaborativos e o viés algorítmico são temas que poderiam ser explorados com mais profundidade.

Aliás, sobre o viés algorítmico, este é um tema que merecia um espaço na obra pois impacta diretamente na formação da opinião popular na sociedade, consequentemente na rotina pedagógica de professores de história que precisam lidar com debates e temas da atualidade que comumente são tornam-se alvo um campo de disputa nas redes sociais. Sobretudo, temas de interesse de grupos de extrema-direita, que como diversos estudos indicam, tem seu alcance alavancada pelas *Big Techs* com o objetivo de espalhar desinforma-

ção política, enquanto pautas de grupos de esquerda ou que estão com interesse conflitante com os de extrema-direita tem seu alcance reduzido (WAGNER, 2024).

5 Conclusão: Um Ponto de Partida Essencial e um Convite à Reflexão

"Ensino e Pesquisa em História: Competências Digitais e Usos Tecnológicos" é uma obra oportuna e necessária, ainda mais tendo em vista que muitos educadores possuem dificuldades teóricas e práticas de implementar tecnologia em suas aulas. Ela cumpre com excelência a missão de introduzir o leitor ao vasto e complexo campo das Humanidades Digitais aplicadas à História. A coletânea é um valioso recurso didático e uma fonte de inspiração para professores e pesquisadores que desejam incorporar a tecnologia em suas práticas e também avançar com a pesquisa neste que campo que, no Brasil, ainda está dando seus primeiros passos.

Referências

WAGNER, Giovanna Araújo. **Democracia em algoritmos: perspectivas sobre ciberdemocracia, Big Techs e o papel das redes sociais no crescimento da extrema-direita contemporânea**. 2024. 58 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Centro Universitário de Brasília, UniCEUB, Brasília, 2024.